

EXCLUSIVO

Oferecer artigo 12

LIVROS

“Longa vida ao *Choix Goncourt du Portugal!*”

O Mago do Kremlin, do escritor italo-suíço Giuliano da Empoli, publicado em português na Gradiva, venceu a primeira edição deste projecto da Academia Goncourt e que já existe em 35 países.

Isabel Coutinho

4 de Maio de 2023, 21:42



O júri do primeiro “Choix Goncourt du Portugal”, na cerimónia que aconteceu na Embaixada de França, em Lisboa MATILDE FIESCHI



Ouça este artigo aqui

00:00

1.0x

08:29

[Saber mais](#)

“Viva a literatura! Viva a língua francesa! Longa vida ao *Choix Goncourt du Portugal!*”, declarou a embaixadora francesa em Lisboa, Hélène Farnaud-Defromont, na cerimónia da atribuição do primeiro *Choix Goncourt du Portugal* (<https://www.publico.pt/2023/05/03/culturaipsilon/noticia/-venceu-primeira-edicao-choix-goncourt-du-portugal-2048291>) ao livro *O Mago do Kremlin*, do escritor italo-suíço Giuliano da Empoli.

Publicado em Novembro pela editora Gradiva, este é o primeiro romance do politólogo, ensaísta e conselheiro político, que foi conselheiro principal do primeiro-ministro italiano Matteo Renzi (<https://www.publico.pt/matteo-renzi>). Giuliano da Empoli

inspire em Vladislav Surkov (<https://www.publico.pt/2011/12/04/mundo/noticia/perfil-de-vladislav-surkov-o-homem-que-se->

move-nas-sombras-do-poder-1523697) para escrever esta obra que mistura ficção e não-ficção e se baseia em factos reais. No romance, o mago do Kremlin é Vadim Baranov, um realizador e produtor de *reality shows* que se torna a eminência parda de Putin e era conhecido como o 'czar'.

Escrito ainda antes da invasão da Ucrânia (<https://www.publico.pt/guerra-ucrania>) em Fevereiro do ano passado, *O Mago do Kremlin* (<https://www.publico.pt/2022/11/18/culturaipsilon/noticia/novo-thriller-stephen-king-cronicas-mec-2028346>) “chega a ser uma profecia de uma realidade não muito afastada de nós”, defendeu o membro do júri João Portela, 24 anos, representante da Faculdade de Letras da Universidade do Porto na escolha do Goncourt de Portugal, que se realizou ao final da tarde de quarta-feira na Embaixada de França, na sala da música do Palácio de Santos, em Lisboa. Neste livro, o autor apresenta “todos os elementos” que ajudaram a que se chegasse ao momento que se vive na Europa “uma guerra assassina e tão próxima de nós”.

A primeira edição do *Choix Goncourt du Portugal* aconteceu na presença do escritor franco-marroquino Tahar Ben Jelloun (<https://www.publico.pt/2012/06/23/jornal/um-livro-sobre-o-amor-pode-ser-politico-24763719>), membro eleito da Academia Goncourt desde 2008 e vencedor do prémio em 1987, e da escritora franco-marroquina Leïla Slimani (<https://www.publico.pt/2021/05/28/culturaipsilon/noticia/leila-slimani-nao-ha-nada-terrivel-felicidade-1963754>) Slimani (<https://www.publico.pt/2021/05/28/culturaipsilon/noticia/leila-slimani-nao-ha-nada-terrivel-felicidade-1963754>), vencedora do Goncourt em 2016 (<https://www.publico.pt/2016/11/03/culturaipsilon/noticia/premios-goncourt-e-renaudot-atribuidos-a-leila-slimani-e-a-yasmina-reza-1749824>), que apadrinharam o lançamento. Portugal entrou assim no *Les Choix Goncourt internationaux*, um projecto que já existe em 35 países (por exemplo, Brasil e Espanha) e em que um júri, composto por estudantes francófonos de cada país, escolhe o seu livro favorito entre as obras que foram finalistas do prémio francês, neste caso em 2022, com o acordo da Academia Goncourt.



A embaixadora francesa em Lisboa, Hélène Farnaud-Defromont e, ao seu lado esquerdo, Margarida Madeira que anunciou o vencedor na cerimónia. MATILDE FIESCHI

Esta ideia de designar um Goncourt, fora do mais importante prémio literário francês, mas com as mesmas regras, nasceu no Instituto francês de Cracóvia, na Polónia, em 1998. E a iniciativa de trazer para Portugal o *Choix Goncourt* partiu de Cristina Robalo Cordeiro, professora catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a quem a embaixadora Hélène Farnaud-Defromont agradeceu na cerimónia pelo seu empenhamento na concretização do projecto.

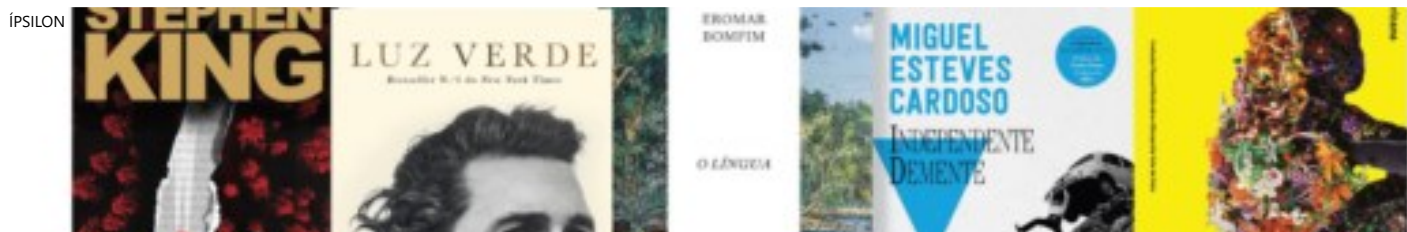




Depois de um primeiro contacto com a Academia Goncourt e a Agência Universitária da Francofonia (AUF) feito pela académica onde se discutiu a possibilidade de iniciar a escolha do Goncourt de Portugal, a embaixada também se mostrou disponível e assim lançaram o processo contactando as várias universidades. "A escolha é dos estudantes mas estes têm que ser orientados pelos professores. É necessário constituir grupos, clubes de leitura e tem de haver um acompanhamento. Este trabalho demorou meses e foi um trabalho colectivo", conta ao PÚBLICO Cristina Robalo Cordeiro.

"Discussão renhida"

O júri constituído por oito estudantes francófonos vindos de oito universidades portuguesas (Lisboa, Nova de Lisboa, Porto, Coimbra, Minho, Algarve, Aveiro e Madeira) em colaboração com os seus professores leram então os livros dos quatro finalistas da selecção Goncourt. Além do agora vencedor, *Le Mage du Kremlin/O Mago do Kremlin*, estavam na lista os romances: *Vivre Vite*, da escritora francesa Brigitte Giraud (que foi o vencedor do Goncourt francês (<https://www.publico.pt/2022/11/03/culturaipsilon/noticia/premio-goncourt-brigitte-giraud-autoficcao-vivre-vite-2026321>) no ano passado e que chegou às livrarias portuguesas na segunda-feira pela editora Planeta com o título *Viver Depressa*); *Les Presque Soeurs*, da escritora francesa Cloé Korman e *Une Somme Humaine*, do poeta e romancista haitiano Makenzy Orcel (ambos sem tradução em Portugal).



"A discussão foi um bocadinho renhida. Uma maioria absoluta para *O Mago do Kremlin* com cinco votos a favor, contra três", conta ao PÚBLICO Margarida Madeira, 23 anos, representante no júri da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que anunciou o nome do vencedor na cerimónia. Cada representante das oito universidades levou a aposta do seu grupo para a reunião do júri, que foi acompanhada pelos padrinhos do projecto em Portugal, e a discussão final gerou-se entre duas obras: *O Mago do Kremlin* e *Une Somme Humaine*.

A pertinência dos temas tratados em *Une Somme Humaine*, como as famílias disfuncionais, também entusiasmou parte do júri que votou neste livro que tem "um discurso feminino, trágico", como refere João Portela. Logo no início, o leitor sabe que a narradora se suicidou e vai percebendo depois toda a sua história de vida. Mas saiu vencedor *O Mago do Kremlin*, com mudança de voto de alguns membros do júri que apostavam em outras obras e foram convencidos pelos colegas. Contou "a actualidade do tema" abordado no livro, a forma como a obra "abre novos horizontes" e faz com que o leitor compreenda "um pouco aquilo que é a visão do outro" - "a forma como a Rússia encara o seu próprio estatuto e a Europa", explica Portela. "O facto de ser uma leitura cativante, com muito suspense e capacidade de prender o leitor" também ajudou.





Também a madrinha Leïla Slimani elogiou o trabalho do júri: “Sabiam quais os seus livros preferidos e porquê, foi muito interessante ouvi-los, tinham bons argumentos, são verdadeiramente bons leitores”, disse ao PÚBLICO a autora de *O país dos Outros* (ed. Alfaguara), realçando que lhe pareceram jovens com “uma grande vontade de compreender o mundo” em que vivem. “*O Mago do Kremlin* permitiu-lhes acesso a algumas chaves para compreenderem uma realidade muito complexa”.



"Fazer com que os livros vivam!"

Durante a sua intervenção, Tahar Ben Jelloun lembrou que já esteve presente na escolha do *Choix Goncourt de l'Orient* em Beirute, no Líbano. A cerimónia junta uma série de estudantes de universidades do Iraque, do Egipto, do Sudão, do Líbano e até Irão e foi das mais emotivas a que assistiu. “São países que vivem situações humanas e sociais muito difíceis, há violência, risco e perigo, e eles apegam-se ao livro e fazem viver a língua francesa numa situação complexa e difícil. É formidável.”



Em Portugal, em parceria com a Agência Universitária da Francofonia, com a Alliance Française de Coimbra e o Instituto Francês de Portugal e as universidades, o *Choix Goncourt du Portugal* fará “viver a literatura e a língua francesa através dos jovens francófonos portugueses”, acredita o autor de *O Racismo Explicado aos Meus Filhos* (ed. Presença). “Com este trabalho, penso que conseguimos ir além do que alcançam os discursos oficiais, etc. Estamos no terreno, fazemos com que os jovens leiam, tentamos fazer com que os livros vivam!”

Este *Choix Goncourt du Portugal* “é um convite a que se ame a língua francesa”, acrescentou Leïla Slimani. “Em Portugal não faltam grandes escritores e grandes poetas e amor pela literatura que continua a estar muito viva no mundo lusófono. Espero que este *Choix Goncourt du Portugal* seja à imagem deste país que amo: caloroso, inteligente e aberto aos outros”.

As leituras



Os membros da Academia Goncourt já estão a preparar-se para passarem os meses de Junho, Julho e Agosto a ler. Não lerão os livros possíveis candidatos ao Prémio Goncourt 2023 estendidos numa toalha de praia, mas sentados numa cadeira, frente a uma com um lápis na mão. “É um trabalho muito sério”, contou o escritor Tahar Ben Jelloun, que pertence à academia desde 2008.

Todos os meses, os dez membros da Academia Goncourt fazem uma refeição, que acontece na primeira terça-feira do mês, no Salon Goncourt do Café Drouant, em Paris. “É esse o nosso salário”, disse Ben Jelloun que lembrou ainda a entrada da escritora Christine Angot, que foi eleita em Fevereiro para o lugar de Patrick Rambaud, que declinou ao cargo por razões de saúde. “Quando ela foi eleita enviei-lhe uma pequena mensagem: ‘Querida Christine, desejo que sejas bem-vinda na nossa companhia, reunimo-nos uma vez por mês para comer bem, para beber bem, para nos divertirmos e eventualmente para falar de alguns livros.’”

Em Setembro anunciam a primeira selecção, da qual chegam depois à lista de finalistas. E no mês de Novembro têm a reunião final para atribuir o prémio de 2023. Qualquer que seja o resultado, a Academia Goncourt tem por regra ser solidária.

Na história dos prémios Goncourt, só por três vezes essa regra não foi cumprida. “Aconteceu com Louis Aragon [em 1968], que se demitiu; Jorge Semprun que não suportou a atribuição do Goncourt a Pascal Quignard [em 2002] e eu próprio que fiquei zangado com a escolha dos meus camaradas no ano passado e lamentei tê-lo exprimido publicamente”, confessou Tahar Ben Jelloun referindo-se à atribuição do Goncourt a *Vivre vite*, da escritora Brigitte Giraud (*Viver Depressa*, ed. Planeta).

É público que Tahar Ben Jelloun votou em *Le Mage du Kremlin*, de Giuliano da Empoli (*O Mago do Kremlin*, ed. Gradiva) que semanas antes tinha recebido o Grande Prémio do Romance da Academia Francesa.

Oferecer assinatura



O prestigiado Prémio Goncourt é “um acontecimento para a língua francesa no mundo”, disse Tahar Ben Jelloun na cerimónia que quarta-feira aconteceu em Lisboa. Cada premiado tem a possibilidade de ver o seu livro ser traduzido por mais de 40 línguas, dependendo da “qualidade e da beleza do texto”.

Também Leïla Slimani, que tal como ele é uma antiga premiada, confirmou que o Goncourt é um prémio que “dá a conhecer um escritor ao mundo”. Só tinham passado três horas da atribuição do prémio e já editores de 11 países queriam comprar os direitos do meu livro e nas 24 seguintes surgiram uma quinzena de outras propostas.



Abrir portas onde se erguem muros

Siga-nos

- Newsletters
- Alertas
- Facebook
- Twitter
- Instagram
- LinkedIn
- Youtube
- RSS

Sobre

- Provedor do Leitor
- Ficha técnica
- Autores
- Contactos
- Estatuto editorial
- Livro de estilo
- Publicidade
- Ajuda

Serviços

- Aplicações
- Loja
- Meteorologia
- Imobiliário

Assinaturas

- Edição impressa
- Jogos
- Newsletters exclusivas
- Estante P
- Opinião
- Assinar

Informação legal

- Principais fluxos financeiros
- Estrutura accionista
- Regulamento de Comunicações de Infracções
- Política para a prevenção da corrupção e infracções conexas

- Gerir cookies
- Ajuda
- Termos e condições
- Política de privacidade

EMAIL MARKETING POR



@ 2023 PÚBLICO Comunicação Social SA